

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1987

por incêndio, de que D. Colls reconheceu vestígios, ou pelos escolhos da costa. A presença de um lastro de pedras deixa supor que o barco havia já deixado grande parte da carga em portos peninsulares ou norte-africanos.

As ânforas, integráveis quase totalmente nos tipos Dressel IA, 1C e Lamboglia 2, demonstram que o barco transportava vinhos da Campania e da Apúlia. Grande parte da cerâmica comum é constituída por vasos de transporte e conserva de azeitonas, cuja origem não pode definir-se.

A cerâmica comum é estudada de um ponto de vista meramente formal : o autor não procura definir grupos em função de características tecnológicas. Não deixa, todavia, de assinalar pormenores significativos, como uma mancha de engobe negro sobre uma das peças, prova do seu fabrico numa oficina que também devia produzir cerâmica campaniense ou de tipo campaniense.

Associando, ao domínio da técnica das escavações submarinas, o conhecimento dos materiais cerâmicos e a capacidade de reflexão histórica, D. Colls produziu uma monografia de indiscutível interesse para a história da tecnologia naval e a das relações económicas do Mediterrâneo ocidental nos inícios do séc. I a.C.

J. ALARCÃO

Michel PONSICH, *Implantation rurale antique sur le Bas Guadalquivir. Tome III.*

Bujalance, Montoro, Andújar, Publications de la Casa de Velázquez,

Série «Archéologie», fase. VII, Madrid, Diffusion de Boccard, 1987.

1 voi., 126 p., 12 figs., 5 ests.

Nos inícios da década de 1970, M. Ponsich começou a batida sistemática do terreno nas margens do Baixo Guadalquivir, tendo em vista a inventariação dos vestígios romanos, cuja densidade, aqui, possivelmente excede a de qualquer outra área peninsular. Apesar de intensamente cultivada, da Idade Média aos nossos dias, e de estar a ser agora revulvida pela renovação das práticas agrícolas, a área conserva uma extraordinária densidade de vestígios da época romana — suficientes para justificar o envolvimento de um largo grupo de investigadores. Sozinho (ou acompanhado apenas por sua mulher, dedicada colaboradora falecida no decurso das prospecções que conduziram a este terceiro volume do inventário), M. Ponsich prossegue há mais de quinze anos, incansavelmente, um estudo que fará do vale do Guadalquivir uma das zonas do império romano mais cuidadosamente prospectadas e reconstituídas na sua paisagem rural.

Aos dois volumes publicados em 1974 e 1979, acrescenta-se agora um terceiro, que cobre a área de três folhas da carta de Espanha na escala de 1:50.000: Bujance, Montoro e Andújar, no limite oriental do Baixo Guadalquivir. O terreno mais acidentado e menos fértil, a estreiteza do vale, apertado pelos contrafortes da Serra Morena, e o reduzido caudal do Guadalquivir, que aqui perde a navegabilidade, explicam uma ocupação nitidamente diferenciada em relação às áreas anteriormente prospectadas a

jusante. Se, nestas últimas, o rio determinou a distribuição do povoamento, este aparece, nolimite oriental do Baixo Guadalquivir, mais disperso ou menos condicionado pelo grande curso de água. Apesar de tudo, a densidade do povoamento mantém-se grande: identificam-se neste volume 405 estações, cuja localização nem sempre foi fácil, em parte devido à desactualização das representações cartográficas sobre as quais o autor trabalhou. As estações são registadas em três cartas originais, desenhadas pelo autor (ou sob sua orientação) numa escala infelizmente pouco (ou nada) convencional: 13:1.000.000.

O autor descreve os vestígios hoje visíveis, identifica-os pelas coordenadas e classifica sumariamente os materiais encontrados.

Seria injusto considerar esta obra um mero inventário de estações. O autor procura classificar os vestígios em aglomerados urbanos, *villae*, casais ou simples abrigos e tenta, pelos achados, definir a cronologia das ocupações. Fá-lo com perfeita consciência da precariedade de muitas das suas propostas, necessariamente baseadas na interpretação de achados superficiais que são apenas uma «amostra», nem sempre significativa, do que se encontra enterrado. A larga experiência de Michel Ponsich, quer na batida de campo, quer na escavação, e o seu conhecimento da tipologia e cronologia das cerâmicas, garantem a credibilidade das suas interpretações. A classificação em casais e abrigos («fermes» e «abris») tem representação cartográfica através de símbolos diferentes; mas estes são tão pouco diferenciados que se torna praticamente impossível, nas cartas, distinguir uns dos outros; é lamentável que o autor não tenha adoptado sinais convencionais mais distintos.

Do inventário das estações, assim classificadas, M. Ponsich passa à síntese e traça as características originais da ocupação na área agora prospectada, relativamente às zonas cobertas pelos dois volumes anteriores.

Não temos razões para supor que, na área de Bujance, Montoro e Andújar, outras culturas tenham substituído a oliveira, a vinha e os cereais, base da exploração agrária nas zonas mais a jusante. A pastorícia, parcialmente em regime de transumância, teria sido, porém, mais importante neste extremo oriental do Baixo Guadalquivir.

As condições geomorfológicas e hidrográficas e, talvez ainda, a distância relativamente aos grandes centros urbanos de Hispalis, Italica e Cordoba, explicarão a menor densidade das *villae* ou a sua aparente menor riqueza. O regime latifundiário do Baixo Guadalquivir parece ter dado agora lugar a um sistema de menor propriedade, em parte explorada (segundo o autor) por uma população que residia em pequenos aglomerados urbanos. As fontes literárias e epigráficas mencionam esses aglomerados (ou alguns deles), embora nem sempre a sua identificação no terreno seja possível ou segura. A localização deles constituiu, aliás, uma das preocupações de M. Ponsich; mas só escavações sistemáticas ou felizes achados casuais permitirão localizar sem margem de dúvida alguns desses aglomerados.

Na opinião do autor, grande parte da população da área agora prospectada residiria nos aglomerados urbanos, embora ocupada na agricultura. A reduzida dimensão destas cidades ou *vici* e dos respectivos *territoria* facilitaria a deslocação dos pequenos proprietários, que não perderiam mais de

meia ou de urna hora no caminho entre suas casas e seus olivais, vinhas ou courelas. Nas terras, teriam precárias instalações mais para guardarem alfaias ou para abrigo temporário do que para residência permanente. Assim se explicaria o elevado número de estações onde apenas se encontram tégulas ou imbrices, por vezes alguns fragmentos de cerâmica comum, mas nunca sigillata, apesar de ficar nesta área o centro de Andújar.

Talvez o autor tenha exagerado a dependência destes «abrigos» relativamente aos aglomerados urbanos; muitos deles parecem mais relacionáveis com *villae* do que dependentes de cidades ou *vici*. Por outro lado, a dispersão dos casais ou pequenas quintas («fermes») sugere a residência frequente dos pequenos proprietários no meio das suas terras, mais do que a concentração em aglomerados urbanos donde diariamente, ou, pelo menos, com frequência, se deslocariam às terras.

Os padrões do habitat que o autor propõe carecem, a nosso ver, de uma reflexão mais demorada. Michel Ponsich, aliás, pretende mais sugerir do que demonstrar; pretende abrir pistas para uma investigação renovadora, para uma arqueologia do espaço rural, mais do que definir apressadamente os modelos do ordenamento espacial nestas áreas onde o Baixo Guadalquivir se termina. Alicerce fundamental e seguro para o estudo do ordenamento rural romano, esta obra devia estimular trabalhos de escavação sistemáticos em áreas reduzidas, escolhidas como «amostragens».

Pode parecer surpreendente a inexistência de fornos de ânforas nesta área onde a oleicultura antiga, mais do que um facto provável, é um facto comprovado por pesos de lagar. Ponsich explica a ausência dos fornos: as pesadas ânforas Dressel 20 estavam adaptadas ao transporte fluvial; ora, na área agora prospectada, o Guadalquivir já não é navegável; o transporte do azeite teria de fazer-se de outra forma, possivelmente a dorso de animais; os odres de pele («pellejos»), que não deixaram, naturalmente, vestígios arqueológicos, seriam mais adequados que as ânforas, por serem menos pesados e menos frágeis.

A persistência do autor na prospecção do vale do Guadalquivir deixa-nos esperar, proximamente, outros volumes que completem o programa de investigação da paisagem rural antiga destas terras cuja fertilidade Estrabão e Plínio tanto gabaram. Uma vez concluído o inventário, ninguém melhor do que o autor poderá reflectir sobre a estrutura da ocupação deste território bético, retomando sugestões e conclusões que parcialmente tem apresentado nos três volumes até agora editados.

Se uma carta arqueológica regional, sintetizando de forma crítica as referências bibliográficas anteriores, é, já de si, trabalho útil, o entendimento do processo de ocupação e exploração de um território exige um inventário exaustivo, mesmo daquelas estações cujos achados se reduzam a tégulas e imbrices. O trabalho de Michel Ponsich é um modelo para investigadores que venham a realizar prospecções idênticas noutras áreas da Península Ibérica.

J. ALARCÃO